



Dona Maria do Carmo Manfredini, mãe de Renato Russo, fala sobre o início da vida na capital do país e das amizades que fez no bloco onde mora até hoje



Meu Deus, mas que

CIDADE LINDA!

» IRLAM ROCHA LIMA

Quando chegou a Brasília, em 6 de março de 1973, Maria do Carmo Manfredini, o marido Renato Manfredini e os filhos Renato Manfredini Jr. e Carmem Teresa Manfredini, inicialmente se instalaram num hotel, na Asa Sul. Logo depois passaram a ocupar um apartamento no Bloco B da SQS 303 — adquirido pelo patriarca da família.

Servidor graduado da presidência do Banco do Brasil, Renato Manfredini, por escolha própria, veio transferido pela instituição para a nova capital. “Estávamos vindo do Rio de Janeiro, onde morávamos numa casa, na Ilha do Governador. Dois anos antes, Renato e eu tínhamos vindo conhecer Brasília. Ficamos encantados com a cidade de grandes espaços, muitas áreas verdes e arquitetura futurista.

Sentimento semelhante tiveram o Júnior (Renato Russo) e a Carmem Teresa. Olhando as vias e os prédios pelas janelas, quando entramos no Eixo Monumental, eles ficaram deslumbrados”, lembra Dona Carminha, como, respectivamente, é chamada, mesmo por quem é próximo dela.

O apartamento, de sala ampla, quatro quartos e outras dependências, foi considerado ideal por todos os Manfredini. Um dos quartos, o ocupado por Renato Russo, se transformou inicialmente num espaço de estudos e, posteriormente, o local de trabalho, além de uma espécie de estúdio do futuro líder da Legião Urbana. Antes de se dedicar profissionalmente à música, estudou jornalismo no Ceub, chegou a ser repórter da 105 FM (atual Clube FM, dos Diários Associados) e professor de inglês na Cultura Inglesa.

“Enquanto era garoto, Júnior gostava de andar de patins embaixo do bloco e nos acompanhava quando íamos a restaurantes e à Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). Mas depois só queria sair sozinho, para encontrar os amigos em vários locais, principalmente nas festas. Maria do Carmo mantém no apartamento alguns discos de ouro e platina recebidos por Renato Russo.

A matriarca diz que sempre teve ótima relação com os vizinhos, embora não costume visitá-los. “Mesmo quando o Júnior aprontava, eles relevavam”, comenta. Mas deixa claro que entre os moradores do bloco é com Margarida Custódio, moradora de apartamento localizado no

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Dona Carminha Manfredini (E) ao lado da amiga Margarida Valente: “Somos vizinhas e amigas desde 1975”

piso abaixo do dela, que mantém amizade mais longa e fraternal.

Receitas culinárias

“Somos vizinhas e amigas desde 1975, embora não nos encontremos muito. No período da pandemia, então, ficou ainda mais difícil. Mas, nos falávamos por telefone ou por telefone quase todos os dias, a respeito de assuntos diversos, inclusive sobre receitas culinárias, coisa comum a duas

donas de casa, que gostam de cozinhar”.

Viúva de José Darcy Custódio, também servidor do Banco do Brasil, Margarida Custódio mora no bloco B da 303 Sul desde 1972. Mãe de cinco filhos, só um deles, servidor do Supremo Tribunal Federal, mora com ela. Embora, com alguma frequência, receba a visita dos outros filhos, da nora e dos netos, é com Dona Carminha que mais bate papo.

“Vizinhas, nos tornamos amigas desde que ela veio morar aqui há quase 50

Arquivo Pessoal



A família Manfredini no apartamento da 303 Sul

Arquivo Pessoal



Durante viagem aos Estados Unidos

anos. Durante esse tempo todo, nunca tivemos nenhuma desavença. Nos distanciamos um pouco quando ela foi morar com a filha Carmem Teresa num condomínio no Lago Sul. Mas mesmo naquele período, nos falávamos por telefone”, recorda-se Margarida. “Depois que voltou para o bloco, as conversas, quase que diárias, por telefone, foram retomadas. Sempre que faço pão de queijo, levo para Carminha”, diz, tomando esse gesto prosaico como um elo entre ambas.